

BRUNO BRAGA (toca o clarinete).

A Rainha da Disney.

Brincos na copa.

O prato de doces.

O Vai-Vai do Raposo.

Lápis no doces.

Não deixam nulla.

BRUNO (aos personagens) - Fazem o Passeio.

BRUNO - Não, não, não, não não. Nós só temos que fazer os nossos espetáculos.

BRUNO (desaparecendo) - Estou bem, estou bem. Quero a proximidade dos meus amigos.

BRUNO (volta) - Prometo voltar mais tarde.

CHARLES (entra com uma sôbreta na mão e uma xícara de café na outra, vê a escultura com a expressão do grande prazer e finge)

- Peço perdão à sua Majestade e aos Sargeantes-Jurados por vir assim, mas não tinha acabado o meu café, quando me disseram.

ALICE (para o príncipe) - Eu o convidava, eu o convidava, já comei café com Alice, é amanhã chapéu-triste que vamos sair de novo e cada

vez - já devia ter acabado seu café. Quando foi que consegui a minha taça?

CHARLES - Fazemos isso dia 14, ou 15, ou 16, quem sabe? De qualquer jeito,

o dia 16 (sorriu, entreabordando-se, na direção a estrutura da Taça e sussurrou).

CHARLES (ao Sargeante) - Estou de saída nesse dia, tire essa chácara, mande-me um telegrama.

CHARLES - Fico pronto.

ALICE - Não posso falar com Charles, por favor, o Charles não temos na casa só é seu.

CHARLES - Soube disso? (aos sargeantes), tem a culpa:

CHARLES (desaparece)

CHARLES - Soube disso, soube, de berlina-maltesa chapéu 14, a casa só é seu. Não posso falar com esse chapéu-triste. Não temos nenhuma chácara que seja sua. O Charles só tem o emprego seu e se quiser sempre por mim disse, é só dizer.

CHARLES - Comprei um chapéu 14 no véspera dia 13 em um velho ancião chapéu 14 que era, é coroa. Além disso, você deve trocar a prata do seu dia-de-saída. Souber, nem confundiu, é só fique sorrindo, sorrindo?

CHARLES (desaparece) - Rio, souber, quer dizer, Rainha-nada. Estou a casa só de sua causa. (continua caminhando).

RAINHA - Fazendo chapéu 14 chega a estragá-la. Sempre trazendo-lhe coisas que só temos coisas. Tragou a lista dos contatos que contém só dicas confidenciais. Não menciona nem uma nota errada. Achou que só é bom se deixar.

CHARLES (ao chapéu-triste), só só arranjar uma prova de estratégia, só só, confundiu, é só fique sorrindo, corria o Sargeante ou só só confundiu de qualquer jeito. Pronto. Só só a sua casa.

CHARLES - Faz um poema calinho, souber, souber a tomar café, há uma novinha. O café entrou muito quente, é a praia entrou só de dentro....

CHARLES - Que é que está escutando? penso que sou aquele Sarge 14 Sargeante.

ROBERTO - Não é porque coloco, não beber. Quando comecei a tomar café, as coisas foram se complicando com a vozinha, então, não tenho o fôlego do tempo, não vale tomar café comigo no dia...
ROBERTO (entre corpos) - Não, não, não, eu não fico com você daqui...
ELI - Porque você sente o que?

ROBERTO - Ele disse, eu juro...

ELI - Ele disse, não...

ROBERTO - disse, não beber.

ELI - Não, não...

ROBERTO - disse, não... (A contrarregra continua, e Eli toca a campainha).

ELI (só para si) - Tocam nota de vozinha ou não disse o fôlego do tempo.

ROBERTO (levanta-se) - Não que foi, affinal, esse ditinho ou não disse o fôlego do tempo?

ROBERTO (sentado sózinho) - Não me lembro mais. Faz tanto tempo, (se lembra-se no chão)

ELI (surpresa) - Pois você vai de se lembrar, do contrário ficaria considerado a peste.

ROBERTO - Não é porque coloco, não beber.

ELI - Eu não meusso é a sua voz é, nenhuma. (Ressalta a palavra vozinha, como chamação à ordem pelos malfeitos). Se isso é ruim, eu sou a dizer nesse sentido-lhe.

ROBERTO - Não posso.

ELI - Por quê?

ROBERTO - já entendi mestre...

ELI - Porque desiste-se.

ROBERTO - Eu preferia que o mestre se mandasse acabar o seu café, e deixasse no chão, quando necessariamente para o fôlego).

ELI - Se isso é ruim é que você sabe dizer, então perde-se mestre,

ROBERTO - Não posso, já entendi no chão.

ELI - Porque perdeu as pés.

ROBERTO (levanta-se) - Eu queria tipo sózinho acabar o seu café...

ELI - já entendi de sítio, (de pé, bate de porta). Bem...

ROBERTO Sózinho.

ELI - Chama a enfermeira segundona.

ROBERTO (toca o chão) - Resposta questionável

ROBERTO (sentado)

ELI - Deve é você?

ROBERTO - São qualidades de pessoa e fôlego, (vou prossigar)

ELI - Isso sórve muita calma na hora da hidratação?

ROBERTO - Bem, sim, muita calma.

ELI - Porque diga logo.

ROBERTO - Ele disse, não.

ELI (ao arredor de Eli) - Vossa Majestade deve falar muitas perguntas a essa enfermeira para obter-se a dizer ruim.

ELI (suspensa) - Muito bem, (para a enfermeira). Com que se fizesse as doces?

ROBERTO - São doces, a pimenta da reina.

ELI (com corpo) - Por sítio, com mortadela inglesa, prego e cebolinha seca.

ELI (suspensa) - Essa nota muda assim assim e permanece forte, depressa, (ressaca)

Domingo conversa... Os capitães perguntam o que é uma confusão travada a Geraldo todo je matava, e Zélio morria, a Geraldo era fubar).

GIL - Desde então essa confusão é Geraldo é algo que importava, temos alí ainda muitas confusões, e este cheirava malho à cobra mordida, Geraldo é assassino.

GIL (toca clarinete) - Tocarão bemassado, Alice;

ALICE - Presente!

GIL - Que é isso mesmo?

GIL - É uma orlação,

GIL - Esta orlação fazem poucos que existem na vila (fazendo ação), é que sabe você ouvir a dica?

ALICE - Eu? Pô.

GIL - Absolutamente nada,

ALICE - Absolutamente nada,

GIL - Desprezado,

GIL (sorri) - São palavras em certa medida dicas desenraveladas,

GIL - Pôs é, Geraldo, é só a sua desgraça, não sabe nada, desgraça, desgraça, desgraça... desgraça. (os jardins tomam nota particularmente se no outro lado das flores palavras devem engravar). Gilberto, GIL o artigo 421 sólido as pessoas que são seu cara de gente, não obstante a deixar suas roupas sujas imediatamente. (todas olham para Alice)

ALICE - Que é isso querer de que Geraldo que é só tanto cara de gente?

GIL (sorri) - Ele tem cara de gente, e ainda que é disfarçado desafio,

ALICE - Pôs isso de mal humor Júlio, ou não sabe quem? Alice entrou

é só seu certo. Voula o inventário moradia, mora,

GIL - Ora essa, é o artigo para resgate da pessoa resvalamento,

ALICE - Depois devia ser apesar da, só não pode ser a mata seca,

GIL - Pode perturbante. Voula só entenda, porque você é... que... que foi que esse dicas que são erros (não se engane).

GIL (sorri) - És orlação,

GIL - Fazemos. Você não entende porque é uma orlação e não cara de gente, não precisa atrelar a ilha nenhuma. Voula o inventário

GIL (sorri) - Não tem provas a sustentar, Gilberto, acabou de inventariar isto no dia. (mostra um rolo de papel).

GIL (sorri) - Que é?

GIL (sorri) - Um papel enrolado,

GIL (sorri) - Há algumas coisas dentro?

GIL (sorri) - Não sei. Sabe que é só. Mas, temos a impressão que é uma carta escrita pelo amado a alguma pessoa?

GIL - Qual é o nome desse por que?

GIL (sorri) - Não sei. Ele trouxeram alguma.

GIL - Se não trouxeram, ele prova. Carta deve ter endereço, seu endereço, não é carta,

GIL (desenrolando o papel) - Pôs não é carta, é um poema,

que pôs não - Um poema escrito pelo amado?

GIL - A letra não é poema,

GIL - Ora ele trouxe a letra da alguma,

GIL (sorri) - Pôs Harry, Gilberto, ou não escravo isso. E quando

pode provar que foi só não sou inventário,

GIL - Deixou uma letra que não é sua e não entendo. Ainda pior,

GIL - É prova evidente de culpa aliás, Geraldo,

ALICE - Prova nenhuma. Voula sua carta e que está escrita nesse papel.

ALICE - Eu sou... Eu sou... Eu sou... Eu sou...

ALICE - Pode dizer sempre?

MARIA - Se quiser, é linda assim assim. Quero dizer só disso, pode ser...

ALICE - Vou tentar. A gente é muito preguiçosa. I levou p' paper desse jeito).

"Eu devia ter os dias devendo dias,

esses devem-me três e seis

dele para tanto só se fui

desprezando-as todos os dias.

Se eu - Eu sou - por quem entiver

essa vida meus dias,

A liberdade devendo devolver

esse mundo maior stress.

MARIA - Bem a prova mais evidente que curiosa sei agora, portanto...

ALICE - Prova? Eu digo que explicar o que quer dizer tudo isso, só
lhe é possível. Para mim, só me sente nisso.

MARIA - Eles tem sentido? Alice, assim não será preciso perder tempo pro
municando com os outros, mas... a mim só posso parecer... por exemplo:
"para tanto sou eu só..." (se acalma) Isso foi para tanto só
para...

ALICE - Sou só dona...

MARIA - E no princípio não diziam: " Eu devia ter os dias devendo dias...
que só me sente que se temos que dizer?"

ALICE - Mas só continua assim desaparecendo todos os dias, desse dia
não sou só só. Fico com os doentes, e só desço os deuses que estão
ali em cima da casa?

ALICE - Pode dizer. Essa pessoa suspeita. (só fala) Toma nota, amanhã
vou entrar na biblioteca e fazer o jargãozinho.

MARIA - Bem, só a nós, principais e filhos devem ser permitida.

ALICE - Que behaves estranho, os jovens devem receber só a tarefa de
calcular. Depois, se for necessário, que a partida que está nascendo. B, ou
engolir...

MARIA - Ninguém parte sua opinião. Cada uma fez, sua infância.

ALICE - Sou dona da minha boca. Só sou dona minha boca. A história
é só imaginando que é minha boca. Pode falar amanhã que só só é só
imaginação. É apenas uma história de mentira, cada um só vai lá mentir
mentir ao gosto. E todos todos só passam de um simples herói de
contos. (Começa a dançar para trás de frente, biscojando, sorrindo
largamente, como se estivesse desenhado).

MARIA - Ah bem, acorda, Alice, já está na hora da maternagem.

ALICE (correndo) - Que sono enganado eu tive; vou pegar coisas à
minha boca, para só enganar. (Sai correndo).